

CINEMA, LITERATURA E FOTOGRAFIA: O QUE NOS FAZ PENSAR AS INFÂNCIAS?

Este Número Temático **NARRATIVAS DE INFÂNCIA(S): EDUCAÇÃO, CINEMA E LITERATURA** apresenta-se numa historicidade de encontros entre professores das redes municipais de ensino, professores de universidades, integrantes de núcleos de pesquisa, estudantes da pós-graduação e graduação, que intencionaram mobilizar um processo formativo que se fizesse pela centralidade da infância em diálogo com outras narrativas, neste caso, com o cinema.

O desejo da constituição de uma coletânea de trabalhos que tramassem a discussão sobre a infância por outras vias nasce originalmente em 2013, durante a 23^a edição do Ciclo de Debates, atividade proposta anualmente pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa da Educação na Pequena Infância-NUPEIN/UFSC. Naquele ano, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Violências (NUVIC), a programação do Ciclo teve como objetivo colocar em cena possibilidades de incitar e provocar o pensamento em torno da infância e desnaturalizar as formas convencionais que temos de conhecê-la. As imagens pensam. Um filme pensa. Eis aí a aposta que esse Ciclo lançou à Educação. Tomando emprestada as palavras de Boaventura de Sousa Santos (2006) intencionávamos (des)aprender e restaurar nossas formas de olhar, pensar e sentir a infância, assumindo o cinema como arte para esse exercício.

Naquele momento, nos perguntávamos como o cinema poderia mobilizar reflexões que intensificassem os debates em torno da infância e, conseqüentemente, permitissem repensar a docência na Educação Infantil. O cinema nos ajudava a evocar elementos estéticos que faziam pensar as práticas pedagógicas e, sobretudo, o lugar da infância na formação dos professores. Assim, no campo da educação, o cinema ganha outra configuração, pois ele pode nos servir para pensar sobre o campo de enunciação das práticas educativas e com isso, mobilizar outras potências, outras *zonas de contato* com o campo. O cinema não só nos permite pensar, como também nos faz pensar por outras lentes. A composição de outras linguagens, tais como a poética das imagens e dos sons, nos mobiliza a

outras experiências que atravessam nosso pensar. O cinema nos faz pensar de outro modo.

Passados dois anos do ciclo de debates, na tentativa de materializar a memória das discussões nascidas desta experiência, juntamo-nos a outros autores, de outros espaços formativos, para compor este Número Temático, que tem como objetivo não apenas alargar os territórios de discussão sobre infância e educação, mas, sobretudo, como já escrito, se aventurar a olhá-las com outras lentes, outras perspectivas teóricas e estéticas.

No traçado dessa história o cinema entra em contato com outras narrativas: literárias e fotográficas, pois compreendemos que mobilizar uma intersecção entre cinema, literatura e fotografia, proporciona experiências diferentes no âmbito da Educação que alterizam os modos pelos quais pensamos a infância.

A literatura como uma narrativa estética que traceja uma subjetiva linha inventiva no modo pelo qual pensamos a infância, pode potencializar linhas feiticeiras que transgridam o *lugar comum* - o lugar educativo. Literalizar e, com isso, perspectivar outros possíveis encontros nos permite uma atitude criacional que nos retira da mesmidade e nos lança para processos de subjetivação que incidem em nossas vidas cotidianas. A literatura é uma arte! Uma arte-de-si, criacional, inventiva e novidadeira.

A fotografia situa-se para nós nesse outro ponto, que através da sua discursividade compõe um campo de visualidade e possibilidades de enunciação. A complexidade rizomática da imagem, através da fotografia, incide diretamente no que estamos tratando como saber, no caso, saberes que estamos construindo sobre as infâncias. A fotografia testemunha por outras sensibilidades o que pode ser, por vezes, ignorado.

Neste Número Temático estão reunidas reflexões tecidas a partir de um diálogo interinstitucional formado por autoras e autores que se posicionam por entre diferentes áreas disciplinares, como a história, filosofia, psicologia, antropologia, sociologia da infância, psicanálise e literatura, constituindo-se, deste modo, como uma composição que contribui para a afirmação da infância enquanto campo de estudo aberto ao diálogo e, por isso, em permanente construção.

O Número Temático é composto por sete artigos e um relato de experiência que, intencionalmente, se apresentam como um convite para desalojar nossas ideias estabelecidas sobre as crianças, como uma possibilidade de descolonização do pensamento, oportunizando debates que possam vir a confrontar algumas das “verdades pedagógicas fossilizadas” (KOHAN, 2007), nos instigando a deixar de lado aquilo que pensamos já saber, criando assim, espaço para a surpresa, para o encontro com as infâncias no plural.

O primeiro artigo, ***Infância roubada: memórias e poéticas da resistência no cinema latino-americano***, de Adriana Silva, problematiza questões relacionadas à infância no contexto das lutas que marcaram as ditaduras militares instauradas na América Latina no século XX, intencionando construir coletivamente novas possibilidades de compreensão das crianças na história do tempo presente. A partir deste propósito, mescla discussões e imagens dos filmes trazidos para o debate com posicionamentos defendidos por outros autores/as que também têm se lançado aos estudos sobre cinema.

O segundo artigo, ***Brinquedo Proibido (1952): no terreno infindável das cruzinhas, das pedras, dos animais, das flores, dos cacos de louça e dos caramujos... havia infância***, de Karen Christine Rechia, apresenta as análises em torno da infância, do jogo/brincadeira e da possibilidade das crianças em formar territórios próprios, ainda que não desligados da realidade dos adultos, a partir da ação e interação dos protagonistas do filme. O filme *Brinquedo Proibido* não é apenas uma obra analisada pela autora, mas também sua referência principal na constituição das reflexões, visto que é pela ação das crianças retratadas na obra que tece fundamentos para dar visibilidade à constituição de lógicas das crianças ocorridas nas relações delas com o mundo real.

O terceiro artigo, ***Artefatos culturais infantis que convidam a ter um corpo normal: uma história que vira filme - o soldadinho de chumbo***, de Circe Mara Marques e Leni Vieira Dornelles, origina-se de uma investigação com estudantes de Pedagogia e problematiza os discursos sobre o corpo como anormal através do filme de Hans Christian Andersen: O Soldadinho de Chumbo. O recorte reflexivo evidencia diferentes perspectivas pelas quais os sujeitos infantis emergem na

modernidade, através do conceito de norma em Michel Foucault e autores vinculados aos estudos pós-críticos.

O quarto artigo, ***Pequenas flores vermelhas: narrativas fílmicas e o que podemos pensar sobre a institucionalização da infância?***, de Patrícia de Moraes Lima e Roseli Nazário, propõe refletir sobre a institucionalização da infância e seus desdobramentos no atual cenário de promoção, defesa e garantia dos direitos da infância e, para isso, inspira-se no filme *Pequenas flores vermelhas*. De início apresenta alguns questionamentos, os quais vão contornando todo o texto: o que pensamos sobre a institucionalização da infância? Quais os desdobramentos nas últimas décadas, do crescente lugar dos discursos protetivos em torno da infância em contraste aos cenários de Promoção, Defesa e Garantia dos Direitos da Infância? Ao dar sequência, trata das influências no conjunto de saberes em torno das crianças, produzidos no interior da psicologia e os seus efeitos na educação, evidenciando a ambiguidade quando o assunto é infância e crianças: o sujeito-infantil produtor da sua própria existência e o governo da infância.

O quinto artigo, ***Fios de uma infância de matriz africana: o menino N na obra de Ondjaki***, de Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos, tece significativas contribuições aos estudos da infância ao trazer para o debate o entrelaçamento entre literatura africana e educação, por imagens literárias que compõe as infâncias na voz de um escritor angolano Ondjaki, pautando-se na obra "*Os da minha rua*". A partir destas imagens literárias, a autora nos provoca a refletir sobre o modo como pensamos a infância, lançando-nos algumas perguntas: o que educa a infância? Em que sentido, o encontro com uma infância de matriz africana nos proporciona pensar a infância? Ao percorrer estas questões, a autora lança luz sobre os dispositivos legais brasileiros relacionados à obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, bem como, sobre a organização espaço-temporal da escola e seu currículo, entre o tempo *krhonos* e o tempo *aiónico*. Enfim, o desenrolar desta narrativa textual aciona o nosso compromisso de convergir pensamentos e aproximarmo-nos do que ainda pouco conhecemos: a literatura de matriz africana - justamente no momento em que somos convocados, legalmente, a reconhecer a presença africana na composição da sociedade brasileira.

O sexto artigo, **Fotografia, infância e educação: tessituras da prática docente na Educação Infantil**, de Catrine de Moraes Pereira e Kátia Adair Agostinho, trata das possibilidades do uso do registro fotográfico na prática docente na Educação Infantil, fazendo aproximações com o estágio curricular obrigatório da Pedagogia, embasado em teorias sobre documentação pedagógica e fotografia. Problematisa o uso do recurso fotográfico na educação e percorre parte do texto definindo “documentação pedagógica”, tratando das suas implicações para a ação docente junto às crianças. Compõe uma seção intitulada “experiências fotográficas”, entrecruzando narrativas escritas com imagens. Encerra, convidando o leitor a continuar refletindo sobre a temática, trazendo algumas questões: como as fotografias nos falam sobre essas imprevisibilidades do cotidiano? Como as fotografias oportunizam a manifestação artística e vivência estética? É possível pensar ou escrever por imagens?

O sétimo artigo, **A Infância em Abril Despedaçado**, de Glacy Queirós de Roure e Ana Carolina Roure M. de Sá, apresenta aos leitores uma análise detalhada do filme *Abril despedaçado*, incluindo reflexões éticas e estéticas da obra, através de um diálogo interdisciplinar, com autores de diferentes campos: da Filosofia, da Psicanálise e da Arte. A definição da infância como experiência, a partir das contribuições de Agambem, autor referenciado que atravessa todo o texto, traz implicações para um olhar sobre as personagens do filme, ressignificando o protagonismo da criança que participa da trama, de vítima à instauradora de novos sentidos da composição/herança familiar, enredo da trama.

O relato de experiência pedagógica, **A infância no cinema: um projeto de extensão**, de Rita de Cássia Marchi, Maristela Pitz Santos, Daniela Odete de Oliveira e João Altair Santos, apresentado na seção “Práticas Pedagógicas”, resulta de uma experiência proveniente de um projeto de extensão universitária denominada “Infância e Cinema: olhares sobre a criança”, elaborado e executado pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinar da Criança e do Adolescente – NEICA/FURB, no decorrer do primeiro semestre de 2013. O texto desenvolve-se a partir de reflexões sobre os elementos que contextualizam as ontologias da infância e da criança à luz das contribuições da Sociologia da Infância. Nele encontramos o detalhamento das atividades provenientes desse Ciclo, desde o modo como se deu

a itinerância dos encontros às especificações importantes sobre os filmes que compuseram a proposta. Traz, ainda, a programação geral do Ciclo, em que constam todos os filmes exibidos e as questões que ali emergiram para as discussões, se constituindo em um excelente acervo para ser socializado neste Número Temático.

Para concluir, “*Narrativas de Infância(s): Educação, Cinema e Literatura*”, se mostra como um convite para pensar a infância pela poética das imagens, dos sons, das letras que formam e nos informam sobre outros jeitos de nos encontrarmos com as infâncias. Entendendo que um *rizoma* tem formas variadas e que suas ramificações operam pela via da conexão de muitos atores, podemos significar do mesmo modo este Número Temático, como uma *configuração rizomática* que permitiu conectar uma multiplicidade de frentes teóricas, como: Artes, Filosofia, História, Literatura, Psicanálise, Psicologia, Sociologia da Infância, todas em *zonas de contato* que vibram potentemente *por e entre* as infâncias.

Roseli Nazário, Rosinete Schmitt e Patrícia de Moraes Lima.
(Organizadoras)

Referências

KOHAN, W. O. *Infância, estrangeiridade e ignorância: Ensaios de Filosofia e Educação*. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2007.

SANTOS, B. S. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006 .